

## Reflexão sobre traduzir, balanço entre fonte e foz

**Margarida Vale de Gato**

*Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*

**Resumo:** (Auto-) Reflexão sobre o exercício tradutório como um acto de *transladação* e de *visitação*, a partir de um equacionamento da natureza crítica das correlações entre tradução e experiências da diversidade linguística.

**Palavras-chave:** tradução, poesia, *transladação*, Babel

**Abstract:** (Auto-) Reflection on the translation exercise as an act of translation and visitation, based on an analysis of the critical nature of the correlations between translation and experiences of linguistic diversity.

**Keywords:** translation, poetry, *transladação*, Babel

*The heartbreak writes and I translate*

- Landeg White / Luís de Camões

### *Transladação*

Rego as plantas do poeta que guarda prisões  
trepadeiras desmaiam, suculentas não obstante  
medram, a erva-dos-gatos descabela-se  
de um tupperware — pois terá havido  
um gato e donos que fizeram filhos

e um caramanchão no terraço onde faz tempo  
houve soalheiro remanso e excepção à tortura.

Nas estantes sem leitura restam muitos livros  
e o aquecimento central continua em dia  
sem gente intra-muros para tanta literatura  
é melindroso: a inclinação para descorar  
o viço, a ferrenha minúcia da agonia, as  
celas quase vazias — como má transladação  
o regador prolonga a pena, comuta a vida.

Transladar: transportar dum lado para o outro, sendo que se fala de transladação também de um corpo, implicando morte, muitas vezes exumação e possivelmente melhores esperanças de ressurreição se esse corpo regressar à terra de que foi deslocado.

Voltamos ao mito da torre cujas ruínas são motivo repetido de contemplação para os que reflectem sobre tradução e diversidade linguística, como Steiner (1992) e João Barrento (2002). No princípio o povo de Deus falava a mesma língua e entendia-se pelas mesmas palavras para designarem as mesmas coisas. O texto do Génesis sugere que foi para permanecerem em comunhão que os homens decidiram construir em altura em vez de partirem no espaço. Mas: “o SENHOR disse: ‘[...] Se principiaram desta maneira, coisa nenhuma os impedirá, de futuro, de realizarem todos os seus projectos. Vamos, pois, descer e confundir de tal modo a linguagem deles que não consigam compreender-se uns aos outros.’ E o SENHOR dispersou-os dali por toda a superfície da Terra, e suspenderam a construção da cidade.” (Gen. 6-8) Creio significativa a sequência cronológica: Deus impediu os homens de se lançarem em altura, de realizarem os seus quaisquer projectos, dividindo-lhes a língua. Por que não falavam o mesmo, apartaram-se por “toda a Terra”. Talvez Babel tenha nascido então para que os homens se deslocassem e povoassem toda a superfície da criação. A mesma sequência acontece num segundo episódio bíblico que se pode tomar como arquetípico da tradução: a descida do Espírito Santo em línguas de fogo no Pentecostes. Foi quando receberam o dom de falar diferentes línguas que os apóstolos se

puderam dispersar e evangelizar. O sentido da sua diáspora, no entanto, parece inverso ao de Babel, visto que com ela iriam reunir o que afinal já teria sido um com Deus. Essa reunião seria, pois, o resgate do exílio.

A ideia da visitação é muito cara a uma concepção romântica da poesia, e na tradução aplica-se muitas vezes a um estado de possessão do tradutor pelo mesmo espírito que animou o autor. Defenderei, porém, o tradutor como alguém que tenha a humildade e a gratidão de ser um veículo. Daí que me apraza / esparja o Espírito Santo, o sopro ou o vento do Deus. Sendo uma imagem de graça e iluminação, o Espírito Santo não revela a Verdade, não é uma visitação que invista o visado dum conhecimento especial que lhe permita chegar à Fonte, antes dá o meio pelo qual Deus se faz Homem; na Catequese explicavam-me que o Espírito Santo era o amor entre o Pai e o Filho, e também o Amor que levou o Pai a fazer-se Filho para viver e ser frágil ao ponto de morrer com os Homens. Para mim, a tradução é essa versão comunicável da graça, corpo que dá à foz para chegar ao Outro.

Há um verso de Camões onde se lê “a saudade escreve e eu translado”. Esse verso foi traduzido para inglês por “the heartbreak writes and I translate” (por Landeg White). As diferenças – e a ousadia de deixar de lado o intraduzível saudade, vertendo-o para um coração partido, podem ser motivo de intenso debate. No entanto, em ambas as formulações encontramos o desgosto pela divisão e pela impossibilidade de reparação, o núcleo primordial que se fragmentou, transportando-nos no espaço para a dissociação da sensibilidade típica do romantismo anglo-germânico. Traduzir é mudar de espaço e mudar de tempo, e que a coisa muda pelo simples efeito de deslocação. O espaço roubado é o lugar do breve consolo da tradução, na aproximação que se faz ao que se acha dividido.

#### *Um tradutor é um tradutor é um tradutor*

À condição de veículo serve uma metáfora de que gosto para a tradução: a do satélite. O autor cria um universo, o tradutor literário é um satélite entre esse universo literário e o da sua leitura por seres de outra língua. Na sua viagem de satélite, o tradutor adensa o seu mundo interior, deslumbra-se e humilha-se entre as constelações e procura a simpatia em todas elas. Um tradutor não é um autor. Claro que o tradutor também cria, ou sobretudo recria. É, todavia, um criador secundário, na beleza de ser lateral, litoral,

explorador de órbitas. Sonda e vaivém: que reporta as constelações, as crateras e os mares do autor aos homens cá na terra.

Para George Steiner, de novo (1992), a tradução de uma outra língua tem a capacidade de restaurar a língua própria, de a tornar mais próxima da fonte pela adição de elementos estranhos mas que gostaríamos que outrora tivessem sido porventura integrais. De todos os processos de tradução, aquele que mais me agrada continua a ser o de Steiner: confiança; agressão; apropriação; restituição.

Sim, o texto traduzido vem iluminar sentidos antes ocultos e, nesse caso, mais do que substituir-se ao original pode restituir-lhe, e restituir-nos, mais um fragmento de linguagem(ns) interrompida(s), aspiração que Walter Benjamin foi dos primeiros a isolar no processo de tradução (1923). Agora, a esquizofrenia dos Estudos de Tradução está em, após tanto derrube de autoridade e primazia, propor para a tradução a figura anacrónica da autoria, o que expressa e porventura incrementa uma ansiedade do “secundário” descabida nos nossos tempos pós-modernos. Que fique o autor lá no lugar do morto ou lá onde lhe vamos fazer respiração assistida, e que se deixe o tradutor ser conexo, ser derivado, ser híbrido, ser nem sequer segundo mas terceiro, ou trino ou trans-: não moralista nem crítico, abrindo todo o espaço ao outro, para que este passe para outros espaços.

Escrevi dois livros de poesia e numa vida paralela sou autora. A segunda edição do meu livro *Mulher ao Mar* tem uma carta de apresentação que começa assim:

É-me indiferente: poeta, poetisa  
dependerá do rimo ou da medida —  
prefiro *tradutora*, mas admito  
que por vezes não dobro e sou narcisa.

Talvez um poeta não tradutor ou seja um génio ou um narciso. Ou seja duro de ouvido ou esteja no interior da música. Eu gosto da música da palavra na poesia, mas na tradução o que mais me seduz não é o acorde da palavra interior (embora às vezes lhe ouça, felizmente, o lindo gongo), é a cacofonia das línguas. E um paradoxo: a capacidade de dar a ler como se estivéssemos a absorver o máximo de outras línguas. Isso para mim é poesia e viagem. Isto para mim é fazer literatura enquanto se pensa a sua mobilidade, a sua

labilidade, e parte disto é o que tento dizer num outro poema, que fiz pensando em João Barrento. Esse texto também mete Bakhtine dentro. Bakhtine é o grande revelador da miríade de discursos de que se faz um texto literário, da viagem entre dizeres e línguas – a que ele chamou heteroglossia – que faz da literatura ou do lugar do estrangeiro. Bakhtine, porém, não estendia esse tipo de viagem à poesia: para ele, o romance é que era talhado para nele caberem todos os vernáculos de um tempo. A poesia não devia ser esse saco de línguas ao vento, devia ser sintonia entre a palavra e o seu único sopro. Mas eu sou de Estudos Americanos e, como o seu pragmatismo, contendo: a cada um a sua verdade. São de Bakhtine as citações em inglês desta homenagem a Barrento:

*There must be no distance  
between the poet and his word.*

Pode um tradutor ser poeta?  
Bakhtine, que aliás parece lê-se  
mal em russo, atira ao poeta  
o rosto linguístico absoluto  
contra flagrante evidência, e. g.,  
o empréstimo cortês na poesia  
antiga, toda a lírica de récita  
e de canto. O grande dialogista  
diga-se gostava era do romance  
e seus rumores, cria a poesia  
pouco sociável, senão egoísta,  
olvidável, *everything that enters...  
must immerse itself in Lethe, and forget*  
tudo o que no poema entra mergulha  
e a vida toda antes esquece, lembra  
só a si... *language may remember  
only its life in poetic contexts.*

Há um tipo de poeta decerto

apostado em que a poesia invente  
um mundo que o real não desmente  
literal como ninguém. É Herberto,  
exemplo maior da palavra-erecta-  
-ardência. Não pode o tradutor ser  
Herberto por isso é que Herberto  
não traduz  
muda  
Herberto só devém.

Tradutores se poetas são outra  
estirpe mais rasteira que prospera  
em língua alheia no dizer de outrem  
e tem por regra mais que um senhor.  
Vivemos de não sermos singulares  
mas servos dedicados afinal,  
de ouvidos colados às paredes  
de falares, requintado plural,  
*glossia*: invisíveis vozes amos  
nossos; nós instrumentos díssonos  
fragmentos fáceis – nem  
vasos, vácuos  
de unicidade  
intermitentes veículos  
ventríloquos  
de breve  
validade.

### *Não matem o mensageiro*

Ainda mal falei de viagem, senão figurativamente. Mas o meu primeiro confronto entre a poesia autoral e a tradução deu-se numa viagem que foi, na altura em que a fiz e dada a ocasião – era o meu primeiro encontro internacional de artistas, estávamos em

Nápoles, falava-se napolitano e eu queria aprender a língua com os ceramistas que vendiam os seus presépios em ruas sem privacidade, havia na ilha de Ischia uma lagoa azul onde consegui persuadir pelas artes coxas da língua comum um barqueiro a deixar-me mergulhar – um deslumbramento, um verdadeiro abre-olhos, como se diz em inglês. Foi nessa viagem, digo, nos vários encontros que me proporcionou, que percebi que a minha vocação era decididamente a de fazer comunidade das línguas. Isto também por reação a um grupo de jovens poetas italianos que achava insultuoso perder-se o belo e ornado som da sua poesia através da imposição de se emitirem os seus versos em tradução. Admito, talvez eu seja dura de ouvido.

Para não falar da mensagem, de problemático isolamento tendo em conta a tensão entre a ambição de uma comunicação universal e a expressão artística original. A diferença entre tradução e literatura é que a literatura, se quiser, pode desprezar a função comunicativa da linguagem e ater-se apenas à sua função expressiva até chegar a uma poeticidade em que a palavra se torna independente duma necessidade de mensagem. Mas a tradução não pode descurar a função comunicativa da linguagem, nem a procura duma mensagem, por mais que o autor não a tenha lá posto. Afinal, se um tradutor é um mensageiro, como pode haver um mensageiro sem mensagem? E afinal, se a literatura está além, por um lado, da mensagem (pois não visa o inequívoco, nem conseqüente ação ao ato da fala, é bom que não seja utilitária, etc.), por outro, da linguagem (porque vem de antes da inscrição no tempo e no espaço, aquela coisa indivisa e aspirante a universal), não corre a tradução o risco de passar ao lado da literatura? Pois corre. Todo o meu esforço de tradutora, a bem dizer, é contrariar isto. Comprometer-me aqui e agora com, mais do que criar novas condições de possibilidade (isso é tarefa dos autores) transmitir o mais possível nas condições possíveis.

Hotel lounge

Entre vocês e eu na aflitiva  
via rápida dos artistas há  
um baldio de línguas que se  
tresmalham incandescem e internamente

queimam os ouvidos: pares poetas eu  
lamento discordar mas  
sendo  
a poesia  
o que perde a tradução  
há então mais importantes coisas  
que guardar e eu não vejo forma  
outra de sair deste férvido ruído  
senão o esforço extremo e distendido  
do meio onde chegarmos.

Que temeridade – o espesso  
nó desta questão – se nos dispomos  
ceder entre as línguas a arder.  
Se escrever vale de outro modo  
se por hipótese é prudente  
defender a cilada  
do comum e do corrente?

Pares poetas eu lamento discordar  
mas verso é arco de alvos desiguais:  
ter em vista o chegarmos a outrem  
ou escudar a perda que se arrisca:  
a mim é o primeiro que convém.

E mesmo assim no átrio do hotel  
quando deitamos enfim as flechas  
no parapeito do balcão – rondando  
forasteiros num refúgio as bebidas  
e as pontas de vidas e cigarros  
será jamais possível emalhar as nossas  
línguas sem cair no brejeiro trocadilho  
ou lenocínio da força de expressão?

e vão tomar-me por aqui onde estou ou  
por aquilo que em mim miram pode haver  
uma outra via de sair a via  
de mudar-nos e folgar quando falharmos  
a equívoca vocação de sermos únicos?

Um tradutor tem a sua utilidade no derrube do medo. Através do conhecimento intercultural, pode ser uma figura de diálogo, um mediador que suaviza a interação das partes, vestindo o que diz uma delas com os códigos culturais da outra, facilitando esclarecimentos, redimensionando os limites justapostos de dois espaços. Não que forçosamente cheguemos só porque fomos trazidos. Sobretudo num mundo em que cada vez mais se facilita a ilusão da comunicação imediata, um tradutor pode ser tratado com impaciência, tornar-se um empecilho. Pior, um tradutor pode ser um espião. Um tradutor aprendeu a desconfiar. E ainda assim move-o a confiança no(s) sentido(s). A dedicação ao horizonte da intenção. Ao tradutor aplica-se certamente o lema de pensar globalmente e agir localmente, quando ele actualiza um texto – por exemplo, uma das obras ditas universais da literatura – para o público da sua língua, da sua época, aí se torna um executor. Raramente se fazem escolhas tão ponderadas.

Foi Richard Zenith, ao almoço, de uma vez que veio a meu convite à faculdade falar de tradução aos meus alunos, quem me apresentou de forma clarividente esta condição: entre nós tradutores é preciso desconforto; convém-nos viver onde sejamos estrangeiros, não nos faz bem sentirmo-nos em casa. Dei-lhe razão, pensando embora que para muitos de nós não é opção ou sequer preferência habitar longe... só que julgo que a todos atrai supinamente o paradoxo exílio/asilo que encontramos neste mover-se entre as línguas. Entre as línguas, somos como ciganos, somos metecos da antiga Atenas: traficantes sem cidadania, ou, numa perspetiva mais doce, turistas muito solícitos.

Tarefa de tradutores

Nos ossos lábeis de línguas  
se exerce o nosso exílio:

onerosa letra adúltera  
contra o júizo público  
e a imaginação pobre  
num romance de Hawthorne.  
A nós não buscam tochas:  
o nosso desconforto enrosca-se  
e a gente só se comove  
aqui (*que ninguém nos ouve*).

## Bibliografia

Barrento, João (2002). *O Poço de Babel: Para uma Poética da Tradução Literária*. Lisboa: Relógio d'Água.

Bakhtin, Mikhail Mikhailovich (1981 [1935-1941]). *The Dialogic Imagination: Four Essays*. Trad. Michael Holquist and Caryl Emerson. Austin: University of Texas Press.

Benjamin, Walter (1968 [1921]). "The task of the translator." *Illuminations*. Ed. Hannah Arendt. Trans. Harry Zohn. New York: Schocken Books, 69-82.

Camões, Luís Vaz, trad. Landeg White (2008). *The Collected Lyric Poems of Luís de Camões*. Princeton: Princeton University Press.

Steiner, George (1992). *After Babel: Aspects of Language and Translation*. 2<sup>nd</sup> ed. Oxford: Oxford University Press.

**Margarida Vale de Gato** é Poeta, tradutora, e investigadora no Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa, onde lecciona tradução literária. Tem Mestrado e Doutoramento em Literatura e Cultura Norte-Americanas, com trabalhos dedicados a William Faulkner e à recepção de Edgar Allan Poe na lírica portuguesa. Traduziu vários textos de diversos autores de língua e inglesa e francesa, como Charles Dickens, Lewis Carroll, Christina Rossetti, Oscar Wilde, W. B. Yeats, Edgar Allan Poe, Herman Melville, Mark Twain, Henry James, Vladimir Nabokov, Jack Kerouac, Allen Ginsberg, Sharon Olds, Tim Burton, George Sand, René Char, Henri Michaux e Nathalie Sarraute. É autora do livro e catálogo *Poe em Portugal* (2009), entre outros estudos e ensaios.